

EIXO TEMÁTICO: Agroecología e economia solidária

Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI Sementes de Cultura: alimento seguro, encontros e trocas complexas em Teresina-PI/Brasil

Valéria Silva
Universidade Federal do Piauí-Brasil
valeriasilvathe@gmail.com

Resumo

A Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI, Teresina-PI-Brasil, surgiu no bojo do trabalho em rede de 12 instituições, inicialmente articulado pelo Grupo de Produção Orgânica de Teresina. Realiza-se enquanto extensão universitária, envolvendo estudantes e professores provenientes de cursos e áreas científicas diferentes. Objetivando desenvolver uma ação agroecológica complexa, que leve a mudanças materiais e imateriais, a Feira realiza a comercialização de produtos da agricultura agroecológica, de arte e artesanato e lanches típicos, estimulando o empoderamento feminino. Dialoga com a cultura acadêmica e popular, ambienta rodas de conversa e apresentações culturais gratuitas e investe na organização social de consumidores, gerando vínculos solidários destes com as comunidades produtoras. Adota referências teórico-metodológicas da agroecologia, do paradigma científico emergente, da prática acadêmica voltada ao social, colocando-se como experiência exitosa de agroecologia no Piauí.

Palavras-chave: Agroecologia; Comércio direto; Extensão universitária; Complexidade.

Descrição da experiência

A produção agroecológica no Piauí é algo recente. Foi a partir do ano de 2013, quando da instalação da Comissão de Produção Orgânica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento-CPOrg/MAPA, que as articulações se iniciaram no sentido de gerarmos a possibilidade de dispormos de alimento seguro, produzido a partir de princípios agroecológicos. Paralelo à ação da CPOrg, a Superintendência de Desenvolvimento Rural de Teresina, SDR Teresina, vinha há mais de 30 anos, prestando assistência técnica e extensão rural junto a hortas e campos agrícolas urbanos e periurbanos no município, perfazendo hoje um total de 42 hortas e 12 campos agrícolas. Em que pese a persistência convencional no manejo das áreas, alguns técnicos, por convencimento pessoal, decidiram fazer a assistência levantando a preocupação crítica com o uso de veneno e adubo químico, no que encontraram acolhimento em algumas localidades. Por outro lado, a política de ocupação de terras improdutivas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST, redundando na instalação de vários assentamentos ao redor da capital, ensejaram a alguns deles a adotar o manejo tradicional de produção, não aderindo à sistemática da Revolução Verde, uma vez que o MST se declara em oposição aos agrotóxicos e adota a agroecologia como estratégia política de resistência ao agronegócio. Foi desses três cursos separados de ação que se engendrou a possibilidade do movimento agroecológico em Teresina-PI e, mais tardiamente, a Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI Sementes de Cultura, mais comumente chamada de Feira UFPI.

A CPOrg, observando as demandas institucionais, iniciou um trabalho de provocação a algumas instituições, especialmente SDR Teresina e Universidade Federal do Piauí-UFPI, no sentido de desencadear discussões e possíveis providências de articulação de interesses em prol da produção orgânica na capital e no estado. Em fevereiro de 2015 restou formado o Grupo de Produção Orgânica de Teresina-GPOTE, do qual a UFPI passou a participar. Além do MAPA, da SDR Teresina e UFPI também participaram deste momento as seguintes

instituições: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária–Embrapa Meio Norte; Secretaria Municipal do Trabalho, Cidadania e da Assistência Social–SEMTCAS e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas–SEBRAE. Este primeiro núcleo montou um esboço de plano de trabalho para discutir com algumas localidades rurais, as quais, pela avaliação da SDR Teresina, reuniam melhores condições com vistas à conversão de produção convencional para a agroecológica.

Com o objetivo de constituir um primeiro grupo de comunidades com o qual trabalhar, já naquele momento a SDR Teresina apontou como as 10 (dez) localidades mais promissoras: Projeto Casulo Alegria, Povoado Ave Verde, Campo Agrícola Camboa, Horta Cerâmica Cil, Assentamento Salobro de Baixo, Comunidade Serra do Gavião, Horta Sinhá Borges, Povoado Soim, Assentamento Tapuia e Assentamento Vale da Esperança.

O Plano de Trabalho do GPOTE previa atuação em três eixos: Produção e comercialização; Relações Institucionais e Capacitação, Formação e Organização de Eventos (GPOTE, 2015). Implementado o trabalho de assistência técnica agrônômica-social, obtivemos rápida diversificação e aumento da produção, o que demandou viabilizarmos a comercialização dos produtos. Como Teresina não contava com feiras públicas de hortifrúti, onde as comunidades pudessem vir a participar, o GPOTE decidiu, em fevereiro de 2016, envolvendo 05 das 10 comunidades participantes do projeto, instalar a primeira feira, no centro da cidade.

Em outubro de 2016 o GPOTE conseguiu que a Prefeitura Municipal de Teresina-PMT tornasse oficial o citado grupo de trabalho, formalizando a agroecologia no município. Assim nasceu a Comissão Municipal de Agroecologia e Produção Orgânica-CMAPO, constituída por instituições e comunidades rurais envolvidas no trabalho ora relatado. Seguindo o percurso deixado pelo GPOTE, a CMAPO avançou na demanda da assistência prestada pela SDR Teresina, colhendo novos resultados quanto ao manejo, volume e diversidade da produção e organização social das localidades. Este fato levou à necessidade de geração de maiores oportunidades de comercialização da produção resultante. Foi neste contexto que surgiu a Feira UFPI.

Observando a já costumeira sistemática de trabalho do grupo, em novembro de 2016, na condição de membro da CMAPO e ali representando a UFPI, o projeto da Feira UFPI foi apresentado na reunião ordinária da Comissão, sendo o mesmo aprovado como um trabalho relevante para a etapa em que nos encontrávamos, fosse quanto à dimensão da comercialização direta propriamente dita, fosse quanto aos demais aspectos propostos no Projeto Feira UFPI. Desenhado de modo a articular a agricultura agroecológica às expressões da cultura local teresinense, urbanas e rurais, o faria em duas vertentes: primeiro, incluindo no espaço da comercialização os artesanatos da cidade e os lanches típicos, produzidos pelas mulheres rurais das comunidades participantes da transição agroecológica da produção. Segundo, porque a Feira UFPI propunha ambientar apresentações artístico-culturais daqueles que, em se identificando com a Feira, aceitavam apresentar-se gratuitamente, permitindo a fruição do lazer e cultura fora dos parâmetros do mercado. Neste ponto o palco estaria aberto para alunos e professores da UFPI e para artistas da comunidade teresinense dos meios urbano e rural. Esta escolha se fez pela compreensão teórico-metodológica complexa da agroecologia, que a toma não apenas como uma forma de produzir alimentos limpos, mas como uma ciência/movimento /prática social que propugna uma epistemologia diferente do paradigma hegemônico da ciência convencional no enfrentamento da crise socioambiental e dos sistemas de produção (Gomes & Assis, 2013), bem como das sociabilidades humanas como um todo. Ademais, o projeto fundou-se na relevância dada à convivência solidária, à confiança construída no estabelecimento de vínculos e à prática do preço justo, como forma de alimentar a interação sinérgica entre produtores, consumidores e sociedade em geral, especialmente seus segmentos sociais politicamente minoritários – como mulheres e jovens. Tomou, para execução prática, o princípio da troca de conhecimentos, efetivado por meio da roda de conversa - que aborda temas situados na compreensão ampliada da agroecologia ou temas

de interesse social em geral –, das oficinas de artesanato e de orientações ecotécnicas à comunidade. Por fim, o projeto realçou a importância do cuidado com o planeta, tendo como referência cada território que ocupamos como sujeitos conscientes. A partir dessas diretrizes, elegeu como objetivo principal

proporcionar à comunidade teresinense um espaço de venda/aquisição de produtos agroecológicos, artísticos e de artesanato; bem como de convivência, lazer e de troca de habilidades, conhecimento e criação, vinda de pessoas de espaços institucionais diversos, de diferentes idades, habitantes do campo e da cidade. (Silva, 2016, p.2).

Com a proposição elaborada nesses termos, em dezembro/2016 o projeto Feira UFPI foi submetido às instâncias acadêmico-deliberativas da UFPI, sendo aprovado em todas as esferas. Isto feito, passamos a organizar a primeira edição da Feira UFPI que aconteceu no dia 19 de maio de 2017, no Espaço Rosa dos Ventos, local que abriga grandes eventos na citada Universidade, sediada na capital do Estado do Piauí-Brasil. As edições ocorrem nas primeiras e terceiras sextas-feiras de cada mês, alternando com a feira predecessora, ocorrida do centro da cidade e coordenada pela SDR Teresina. Nos meses em que o mês apresenta uma quinta sexta-feira, é organizada edição extra, fazendo com que neste último dia 29 de junho tenhamos completado 30 edições de bem sucedido trabalho de extensão acadêmica em rede, no qual as instituições parceiras permanecem apoiando o projeto também com a cessão da logística de parte do transporte de agricultores.



Fot.1: Artesanato local e Agricultura agroecológica. Valéria Silva, jun/2017.



Fot. 2. Apresentação Bumba Meu Boi. Valéria Silva, jun/2018



Fot. 3. Roda de conversa. Aline Rutielly, maio/2018

Como demonstrado acima, a instalação da Feira UFPI contempla vários ambientes no mesmo espaço, quais sejam: Praça da Fartura, onde as comunidades comercializam hortifrúteis agroecológicos; Praça dos Sabores, espaço de comercialização de lanches saudáveis/típicos, que hoje já incorpora também os lanches vegetarianos e veganos; Praça dos Saberes, onde são realizadas as oficinas, as rodas de conversa; Espaço Ecotécnico, onde oferecemos orientações à comunidade teresinense (feitas pelo Núcleo de Experimentação em Agroecologia-NEACTT/UFPI) e a distribuição de mudas, no sentido de

estimular a rearborização da cidade (feita pela PMT) e a Praça da Criação, onde as artesãs comercializam peças de arte e artesanato e oferecem oficinas gratuitas.

Resultados e Discussões.

No Brasil, o uso desmensurado de veneno na agricultura, que nos coloca na incômoda posição de campeões mundiais de consumo de tais produtos, vem se tornando um grave problema de saúde pública (Rigotto, Rocha & Vasconcelos, 2014). Nesse contexto, um dos resultados mais relevantes da instalação da Feira UFPI foi a disponibilização de alimentos seguros para a população local, comercializados a preço justo e produzidos dentro dos princípios da Agroecologia.

No município de Teresina a massiva comercialização de hortifrúti ainda é feita com produtos de origem convencional, feita em grandes redes de supermercados, com produtos advindos de outros municípios. A Feira UFPI vem dando visibilidade e problematizando esta realidade incômoda a todos que tratam desta questão, comercializando mais de 40 tipos de produtos, alguns deles já constando como reaparecimento de variedades que havia perdido a presença no modo de se alimentar do teresinense. Por ser uma Universidade de referência na região, a realização da Feira UFPI vem estimulando outros espaços a construírem também suas feiras, como a cidade vizinha Campo Maior, o que pode somar para a ampliação/consolidação do comércio direto e para a divulgação da Agroecologia em todo o Estado do Piauí. Neste sentido, vem contribuindo também para que a agricultura local seja priorizada, de modo a merecer medidas de política pública que fortaleçam a economia local e a reprodução social dos sujeitos nela envolvidos.

Quanto aos sujeitos participantes, a Feira vem colaborando significativamente para o empoderamento das mulheres. Construir a independência financeira, participar de associações e outros colegiados decisórios, de eventos dentro e fora do Piauí, estabelecer o diálogo com outros segmentos sociais significa, para o feminino, sair da invisibilidade que experimenta nos grupos familiares rurais e potencializar às mulheres atuarem mais ativamente como sujeitos de sua própria história, tanto na comunidade quanto na família, nos grupos de agroecologia. Conforme segue atuando, a Feira UFPI vem realizando objetivos que delineou no seu projeto (Silva, 2016). Algo similar ocorre com parte das mulheres artesãs, feirantes da Feira UFPI pela primeira oportunidade. A descoberta oportunizada de poder gerar renda com seu artesanato, de poder constituir grupos de convivência para além do seu bairro, dialogando sobre outros fazeres e técnicas, vem convencendo-as a investir na arte/artesanato como uma possibilidade concreta de autonomia e de fortalecimento de sua subjetividade, seja individualmente, seja nos grupos organizados a que já pertencem. Também no âmbito do artesanato a Feira tem contribuindo para revitalizar traços culturais tradicionais, como são os casos da renda de bilro e do bordado bainha aberta, antes em franco declínio no município.

Outro resultado importante é a consolidação, no espaço da Feira UFPI, do trabalho interinstitucional. Como iniciativa de extensão, a Feira UFPI é coordenada por uma professora, tem equipes de trabalho formadas por discentes, mas conta com o apoio permanente das 12 instituições já citadas e articula 05 localidades rurais. Para a UFPI, partilhar de uma equipe interinstitucional amplia as possibilidades da ação, pois a sinergia gerada pelo trabalho interinstitucional em rede, a racionalização dos recursos disponibilizados potencializam os resultados. Além disso, oportuniza a seus discentes espaço de formação em experiências reais de trabalho com equipes multidisciplinares, no fazer coletivo de planejamento, deliberação, da assistência técnica, intercâmbios, etc. Articulando pessoas e equipes de cada local, o trabalho interinstitucional também fortalece a agroecologia no espaço público, sendo um fator decisivo na disputa de interesses instalada nos órgãos brasileiros hoje, entre agroecologia e agronegócio. Vivendo um golpe político, o país passa atualmente por um desmonte do aparato antes conquistado quanto ao apoio à agricultura familiar e também à agroecologia e o trabalho em rede, em quaisquer

dimensões, se mostra como uma estratégia de resistência ao avanço da monocultura granífera e dos segmentos políticos que a defendem, à frente dos poderes legislativo, executivo e judiciário.

As rodas de conversa resultam num momento rico de troca de conhecimentos, assentadas na horizontalidade da fala facultada a todos e todas. Animadores convidados têm o papel de estimular o debate, compartilhando informações iniciais, mas a apreciação do tema é efetivamente realizada por consumidores, estudantes, agricultoras, artesãs, professoras instalando momentos de interação pedagógica democrática, assentada na realidade dos sujeitos e nas possibilidades detectadas de transformação da realidade (Freire, 1998).

Artistas universitários e do município em geral vêm tendo no Palco das Emoções um importante espaço de divulgação do seu trabalho. As mais de 30 apresentações gratuitas realizadas acessam diversos públicos e semeiam a arte local e a cultura popular num lugar sócio-espacialmente constituído por pessoas de segmentos sociais diferentes, advindas de pontos vários do município. Não menos importante, propiciam a fruição da arte aos participantes da Feira, escapando da lógica do lazer mercantilizado, altamente estimulado pela mídia de massa e a indústria cultural (Adorno, 1995). O Palco também se mostra como instrumento de resistência ao escolher revitalizar aquilo que culturalmente nos define como teresinenses/piauienses, reforçando igualmente as práticas artísticas que nos mobilizam enquanto ativistas libertários no campo da agroecologia.

A realização de trabalho para o esclarecimento e estímulo ao consumo consciente é um aspecto especial dos resultados deste período, realizado por meio da abordagem no espaço da Feira UFPI, de realização de reuniões para desencadear o processo de organização dos consumidores, participação de consumidores em intercâmbios e visitas técnicas, de construção/alimentação/mediação cotidiana de grupo no aplicativo WhatsApp e, por fim, de construção de uma Comissão de Representantes que hoje trabalha pela organização de uma Associação de Consumo Consciente. Neste momento, outro resultado é a organização de reuniões por bairros, prédios, condomínios de consumidores, para tratar do consumo consciente, divulgar a Feira UFPI e a agroecologia.

Por fim, o espaço da Feira UFPI pode ser definido como um lugar de encontros profícuos, sendo este um dos resultados mais interessantes deste ano de experiência. Instalada, a Feira se faz lugar de trocas rurais-urbanas, acadêmico-populares, tradicional-moderno e de natureza intergeracional. Como corolário de todo o trabalho, no último Seminário de Extensão da UFPI nosso artigo apresentado tematizando o artesanato da Feira UFPI e o fortalecimento da cultura piauiense recebeu prêmio de melhor trabalho apresentado no GT de Cultura do citado Seminário.

Referências bibliográficas

Adorno, T. W.; Horkheimer, M. (1995). *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Gomes, J. C.; Assis, W. S. de. (2013). *Agroecologia: princípios e reflexões conceituais*. Brasília: EMBRAPA.

Santos, B. de S. (2003). *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez.

Freire, P. (1998). *Pedagogia do Oprimido*. 25^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Rigotto, R.; Vasconcelos, D. P. de.; Rocha, M. M. (2014). Uso de agrotóxicos no Brasil e problemas para a saúde pública. In. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro: 30(7): 1-3, jul.

Silva, V. (2016). *Projeto de Extensão Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI*. Teresina: PREX UFPI. mimeo.